

■ Em frente à entrada do palanque as mães, em companhia dos filhos, encontraram o lugar mais sossegado para verem Collor. Mas a aglomeração das barracas de cachorro-quente, pipoca e balas nas proximidades, por pouco a segurança não acabou em pissetamento. O que evitou maiores problemas foi a rapidez com o presidencialível do PRN percorreu a os cerca de 30 metros que separaram a pista da armação utilizada para o discurso.

■ Milionário e Zé Rico pareciam outros, sem as camisas brilhantes, os chapéus-sombrios e as grossas correntes de ouro. Milionário chegou trajando uma capa xadrez, estilo Casablanca, enquanto seu amigo imitava Jânio Quadros com um safári cor cinza.

■ Dominginhos, o herdeiro de Luiz Gonzaga, apareceu e desapareceu no showmício de Collor. Seu nome não constava da lista dos artistas que se apresentariam, mas foi anunciado à multidão. Uma hora depois, o locutor explicou que por "motivos de força maior" Dominginhos não poderia comparecer. Foi um astro ilustre — e fugaz.

■ Com um estilingue medindo cerca de 50 centímetros, e a companhia de uma garrafa de cachaça, Pedro de Souza, 37 anos, e Douglas Mira, 22 anos, gritavam que já estavam preparados para caçar os corruptos. Mas apesar de Collor ter no combate a esse mal uma de suas principais propostas políticas, e o local estar ontem destinado ao comício do presidencialível, nenhum dos dois quis confessar o voto. Somente com a intervenção da polícia, que conduziu os caçadores a um camburão, foi revelado o segredo: "Estou aqui para ver o Collor, que é o meu candidato", soltou várias vezes Pedro, com o aval sem restrições de seu companheiro.

■ A deputada Márcia Kubitschek, única parlamentar presente e aliada de Collor, não discursou nem recebeu do candidato os elogios que justificavam sua saída do PMDB. Sua voz só foi ouvida pelos eleitores da Ceilândia quando tentou conter o início de

tumulto armado antes da chegada do candidato.

■ Colloridos da Asa Sul foram ao showmício preparados para combater a candidatura Silvio Santos, que até aquela hora ainda existia. Esticaram uma ampla faixa onde lia-se: "Collor, estamos com você. Assinado: Movimento Evangélico da Asa Sul".

■ Quem entendesse um pouco de eletrônica teria fugido às carreiras do showmício de Collor por volta das 20h. O animador do palanque discutia, pelo microfone, com o trio elétrico instalado do outro lado da Praça da Administração, a coordenação do som. Até que a impossibilidade de fazê-lo foi encontrada: uma corrente elétrica insistia em correr do palanque para o trio elétrico, ameaçando explodi-lo. Ninguém espantou-se.

■ A massa que foi ver Fernando Collor na Ceilândia pode ser violenta, mas seguramente não tem paixões partidárias. Ao ver a ousadia de dois brizolistas que levantavam bandeiras do PDT, o público próximo ao palanque entrou em clima de festa e começou a entoar um coro desagradável para os adeptos de Fernando Collor: "Um, dois, quatro, cinco mil, queremos o Brizola presidente do Brasil".

■ O showmício de Fernando Collor na Ceilândia começou com o pé esquerdo para o jornalista Sebastião Néri, notório aliado do candidato collorido. Tentando impedir a invasão do palanque, a segurança barrou o jornalista. "Por aqui ninguém sobe, não há exceção", esbravejou o segurança para um irritadíssimo Sebastião Néri que recebia a negativa descendo alguns degraus da escada e voltando a subi-los para desafiar a ordem. "Que absurdo", reclamava o jornalista, que só conseguiu instalar-se no palanque depois da intervenção de outros altos assessores.

■ Responsável pela segurança no showmício de Collor, o tenente-coronel Tedeschi, comandante da 2ª Companhia de Polícia Militar do DF, não quis revelar seu candidato à Presidência.